

Grupo OK passa por crise financeira

Fernanda Loureiro*
de Brasília

A grande interrogação a partir de agora entre o empresariado é saber como passarão a ser administrados os negócios do Grupo OK, de propriedade do senador cassado Luiz Estevão, que tem patrimônio estimado em R\$ 120 milhões e possui investimentos nas áreas de construção civil, comércio de veículos e peças automotivas, além de comunicação e agropecuária.

Uma vez cassado, o empresário terá que se defender na Justiça Federal da acusação de desvio de R\$ 169 milhões em recursos públicos destinados às obras do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo (TRT-SP) e precisará fazer malabarismos para manter os compromissos de suas empresas em dia.

Estevão chegou a declarar an-

teontem aos senadores que se fosse cassado teria sérios problemas com suas empresas.

De acordo com informações da assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça do Distrito Federal (TJ-DF) existem hoje, somente em tribunais de primeira instância, 849 processos contra o Grupo OK; 202 contra a OK Benfica Pneus; 147 contra o Banco OK de Investimentos; três contra a Rádio OK; e 410 contra a OK Automóveis, que engloba a OK Veículos e a Itália Veículos, concessionárias Fiat de propriedade de Estevão.

Os negócios do Grupo OK Investimentos Imobiliários fora de Brasília, que tiveram início em 1991, também não vão bem.

Os três condomínios de luxo projetados pelo Grupo na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, e que envol-

vem a construção de 602 apartamentos avaliados em R\$ 120 mil cada unidade estão com as obras atrasadas e a construtora já está respondendo na Justiça pela interrupção dos empreendimentos.

É o caso do condomínio Mar Atlântico, localizado na Avenida Sernambetiba, que foi projetado para ter 100 unidades com vista panorâmica de 360 graus a partir de um terraço de 700 metros quadrados, e o Spazio Barra, que fica na Avenida Canal de Marapendi.

As obras do Mar Atlântico — edifício que deveria ser entregue em setembro próximo — nem sequer foram injetadas; e o condomínio Spazio Barra, que tinha data de entrega marcada para junho de 1998, está apenas no esqueleto.

O advogado Hamilton Quirino, que representa oito compradores ca-

riocas, entrou com ação na Justiça do Rio pedindo a rescisão dos contratos, com pagamento de indenização por perdas e danos. Se a decisão da Justiça for favorável, os compradores receberão de volta o dinheiro corrigido, acrescido dos 50% do valor, como multa.

O diretor Marcos Cordeiro, que gerenciava de Brasília os negócios da Construtora e Incorporadora do senador cassado no Rio de Janeiro e São Paulo e que, há dois meses, responde pela totalidade dos negócios da Construtora, informou por meio de sua assessoria que fará um comunicado oficial sobre o assunto na próxima segunda-feira.

O Grupo OK foi criado há 50 anos e conta, atualmente, com cerca de nove mil funcionários.

(*da GZM Distrito Federal, colaborou Rogério Dy La Fuente)